

Largo Dois de Julho guarda a história

Localizado no centro da cidade, o Dois de Julho expõe imagens urbanas não só de uma capital moderna, como de uma antiga Bahia, provinciana, que permanece guardada no imaginário coletivo de seu povo. Do tempo atual são fortes, na área, as imagens da feira multicolorida de frutas e verduras, dos excluídos sociais e do grande número de carros que praticamente tomam conta do largo. Da Bahia antiga, as ruas apertadas, o casario e igrejas recordam um Dois de Julho onde a poesia transgressora de Castro Alves ecoava solta, ao lado de rígidos sermões religiosos. Dois de Julho de mártires e traidores; de prostitutas e "mocinhas de família"; de desfiles festivos de gays e de antigos carnavais de serpentinas e confetes que animavam famílias ilustres.

EDUARDA UZÉDA

O Largo Dois de Julho guarda nas suas estreitas ruas de paralelepípedos muito da história da Bahia. Uma visita ao local permite, também, conhecer muitos aspectos sociais e antropológicos do povo da cidade de todos os santos e orixás. Limitada pela Rua Carlos Gomes, Largo dos Afritos e Avenida do Contorno, o Dois de Julho abriga casarões antigos e solares tradicionais, além de igrejas seculares. Pela ruas da Força e do Cabeça, que dão acesso ao bairro, passaram os líderes da Conjuração Baiana ou Revolução dos Alfaiates.

O movimento revolucionário de 1798, um dos mais amplos do ponto de vista político, econômico e social, tinha como sonho um Brasil livre e independente. Os participantes da Revolução dos Alfaiates desejavam um governo republicano, democracia, abolição da escravidão, oportunidades iguais para todos os brasileiros, além de relações comerciais com todas



Situado no núcleo original da própria cidade, o bairro foi no passado ponto de reunião de revolucionários

as nações. Muitos desconhecem, mas os boletins sediciosos colocados em vários pontos da cidade defendiam, ainda, a constituição de uma igreja brasileira, separada do Vaticano.

Em razão de delações, vários participantes foram presos e degredados para a África. Foram enforcados, ainda, na Praça da Piedade, os soldados Lucas Dantas Torres e Luis Gonzaga das Virgens e os alfaiates Manuel Faustino dos Santos e João de Deus do Nascimento, que várias vezes se reuniam no largo ou, mais propriamente, na Praça Inocêncio Galvão. O Dois de Julho tem mais histórias. No número 43 da Rua do Sodré, hoje Colégio Ypiranga, Castro Alves, o Poeta dos Escravos, viveu os seus últimos dias, depois de irritar governantes e despedaçar centenas de corações femininos. Perto do local, carmelitas descalços ergueram um convento na segunda meta-

de do século XVII, hoje Museu de Arte Sacra.

"O Anjo Azul"

O Dois de Julho é culturalmente rico, justamente pelos seus contrastes. A religiosidade da área - abriga as igrejas de Santa Tereza e Coração de Maria - nunca impediu que o lado boêmio do bairro se manifestasse. Na Rua do Cabeça, o espaço denominado "O Anjo Azul", que tinha nome de filme estrelado por Marlene Dietrich, recebia, nos anos 40 e 50, a nata dos intelectuais e artistas da época, tornando-se um marco cultural. Vale lembrar que os painéis criados no local pelo artista plástico Carlos Bastos também causaram grande sensação na então cidade provinciana. Hoje funciona no imóvel um restaurante chinês.

Os moradores mais antigos, a exemplo do espanhol Manoel Mário Oitavam Suarez, 65 anos,

proprietário da Churrascaria Brazeiro, estabelecida na área há 35 anos, lembra que o Dois de Julho era habitado por famílias tradicionais da classe média alta, que freqüentavam o Cine Capri, hoje transformado em um hotel. O cinema, que exibiu filmes de diretores consagrados, a exemplo de Buñuel, antes de ser incendiado, na década de 80, exibia filmes pornôs. Os shows da Boite Clock também marcaram época. "O bairro hoje vive de memória", acentua o proprietário da Panificadora Dois de Julho, José Lourenço. Não se pode esquecer que o Dois de Julho abrigou durante muito tempo o GGB (Grupo Gay da Bahia) e o Museu Temporal, que tem um acervo de cerca de 60 mil cartões postais, uma iniciativa do funcionário público aposentado Antônio Marcelino. O GGB e o museu, que funcionavam na Rua do Sodré, hoje estão instalados no Pelourinho.

Relíquia seiscentista

O Museu de Arte Sacra, um dos mais importantes museus da América Latina, é referência quando se fala do Largo Dois de Julho. Inaugurado em 10 de agosto de 1959, pelo então reitor da Universidade Federal da Bahia, Edgar Santos, ocupa as instalações do antigo Convento de Santa Tereza, um dos mais belos monumentos de arte colonial brasileira. O seu conjunto arquitetônico é considerado uma das mais notáveis edificações do período seiscentista.

A fundação do convento ocorreu casualmente, por volta de 1660, quando seis carmelitas descalços aportaram à Bahia. Eles se dirigiam a Angola, onde pretendiam instalar um convento por ordem do rei de Portugal. A falta de embarcações, coisa muito comum na época, fez com que permanecessem em solo baiano por mais tempo. Dessa causalidade, resul-

tou a permanência definitiva dos religiosos na cidade, levando à fundação do convento, que passou a abrigar o museu na década de 50, por convênio entre a Ufba e a Arquidiocese, com a finalidade de preservar a arte sacra luso-brasileira do século XVI ao século XIX.

Raridades

Entre as raridades do acervo do Museu de Arte Sacra destacam-se as esculturas em terracota do Frei Agostinho Piedade, considerado o primeiro artista erudito que trabalhou no Brasil. Outros destaques são a imagem de Nossa Senhora da Piedade, trazida de Portugal em 1706; uma custódia de ouro incrustada de brilhantes, do ano de 1774, com mais de 400 pedras preciosas e semipreciosas, além de inúmeras peças de inestimável valor histórico e estético.

Foto: Arquivo



Acervo reúne peças de grande valor da época colonial brasileira

Fantoches, símbolo de uma época

Na Rua Democrata, o Clube Carnavalesco Fantoches da Euterpe, que completa 115 anos no próximo dia 6 de setembro, já foi *point* da burguesia até os anos 60. Foi perdendo o seu *glamour* à proporção que os trios elétricos tomavam conta da cidade. O presidente do clube, Jorge Amorim Azevedo, lembra que nos momentos de glória do Fantoches as filas para entrada eram enormes. "Não

raras vezes a polícia era chamada para conter os ânimos dos mais exaltados", frisou.

No bairro, ainda se pode encontrar amoladores de faca e sapateiros, profissões quase extintas, resquícios de uma antiga Bahia. Os mais antigos lembram que no Dois de Julho era comum a presença de vassoureiros e vendedores de taboca, que apregoavam suas mercadorias nas ruas estreitas. O bairro

é bem servido de açougues, peixarias, mercadinhos e padarias. Os moradores registram uma queda na marginalidade após a implantação, há cerca de três meses, de um módulo policial.

"Que ladeira é essa? Essa é a Ladeira da Preguiça". Os versos da música de Gilberto Gil são lembrados quando se passa pela Ladeira da Preguiça, onde se tem uma das mais belas vistas da Baía de Todos os Santos.

Perto do local, na Rua Visconde de Mauá, a cantora Maria Bethânia mora quando está em Salvador. No Dois de Julho, aliás, famílias convivem muito bem com a presença de hotéis de alta rotatividade. Chamam atenção, ainda, no bairro os "comedores de água" que ficam nas esquinas desfiando "causos" e o grande número de gatos vadios, que são alimentados diariamente pelos açougueiros.